

PROF. DR. RAUL PEDERNEIRAS: A INVENÇÃO DO HOMEM “PLURIVOCACIONAL”

PEDRO KRAUSE RIBEIRO*

Resumo: O presente trabalho propõe um perfil de Raul Paranhos Pederneiras, um dos mais famosos intelectuais-humoristas da Primeira República. O objetivo é analisar o lado pouco explorado deste intelectual: a sua faceta de professor-doutor. O artigo se finca em um trabalho metodológico simples, pautado na busca pelo nome de Raul Pederneiras nos periódicos presentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nesse caminho de pesquisa, encontramos diversas crônicas autobiográficas e informações sobre o personagem. É sobre esses dados que versaremos, centrando-nos na formação bacharelesca de Pederneiras, procurando mostrar de que maneira podemos unir a produção do humorista com a sua formação de elite.

Palavras-chave: Intelectuais, humoristas, Raul Pederneiras

Abstract: This paper proposes to make a profile of Raul Paranhos Pederneiras, one of the most famous “intellectuals-humorists” in the Brazilian first Republic. The objective is to analyze an unexplored side of him: his intellectual work as “bachelor” and “doctor”. The article is based in a simple methodological work, by searching the name of Raul Pederneiras in periodicals found in brazilian National Library, in Rio de Janeiro. In the research was found several autobiographical chronicles and information about him. The paper would centre in Pederneiras bachelor’s degree, demonstrating how we can put together his humorous production and its elite upbringing.

Keywords: Intellectuals, Humorists, Raul Pederneiras

*Artigo recebido em 15 de Março de 2014 e aprovado para publicação em 12 de Julho de 2014.
Trabalho apresentado na mesa Periódicos no Brasil Republicano.*

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: pkrause8@yahoo.com.br

1 – Introdução

Este artigo, rascunho do primeiro capítulo da futura tese, propõe traçar um perfil de Raul Paranhos Pederneiras, um dos mais famosos “intelectuais-humoristas” da Primeira República, explorando a sua faceta de professor-doutor. Isto porque, geralmente, valoriza-se sua “vocação” humorística em detrimento de outras áreas. Nesse sentido, Raul é perfilado como um sujeito inserido no grupo da República das Letras (1870-1930), especialmente dentro do grupo dos “derrotados”, atuando como caricaturista crítico à modernidade. No entanto, em uma sociedade considerada baluarte da cultura bacharelesca, Raul Pederneiras transitou em importantes espaços da elite letrada: foi delegado, professor de duas instituições de ensino superior, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e candidato, por duas vezes, a cargos públicos (intendente, em 1926, e deputado classista, em 1934). É, portanto, necessário um novo perfilamento do autor, baseado na busca de seu nome na imprensa, organizando uma cronologia de vida de Raul que dê conta de sua formação e atuação política para além do campo artístico da charge/caricatura.

Raul Pederneiras morreu no dia 11 de maio de 1953, aos 78 anos, coberto de louros e consagrações, frutos de uma vida marcada de vitórias profissionais. Filho de Izabel Paranhos Pederneiras e Manoel Velloso Paranhos Pederneiras, Raul nasceu no Rio de Janeiro em 15 de agosto de 1874, e alcançou quase todas as glórias possíveis para um homem de elite da Primeira República. Estudou no Colégio Pedro II, formou-se bacharel em Direito, foi professor da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro e da Escola Nacional de Belas Artes. Dentre as várias associações de que fez parte, Raul esteve presente na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e no Grêmio Carioca. Foi também “homem de letras”, escreveu livros de poesias e acadêmicos, entre eles *Musa Travessa* (versos) e *Direito Internacional Compendiado* (acadêmico). Por fim, escreveu crônicas e versos em periódicos, onde também era caricaturista, papel social que o destacou em vida e na posteridade.

Raul Pederneiras foi, portanto, um “vencedor”. Jogou dentro das regras sociais estabelecidas pela elite letrada do Rio de Janeiro, ocupando espaços relevantes dentro desta sociedade, ainda que também tenha ocupado o da boemia. A visão negativa imputada ao “bacharelismo” na Primeira República é um elemento causador de certa “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996: 183-191) a respeito de Raul Pederneiras. Isso porque sua formação e atuação acadêmica (sua profissão de professor e seu título de doutor) formam o “terreno social” sem o qual não se compreende a atuação política do caricaturista Raul, nem sua

valorização no campo intelectual e artístico. Ser doutor é o que lhe destaca, e é sobre esse personagem que ora versaremos, com o diferencial de o colocarmos como um “vencedor”.

2 – O doutor-caricaturista: o “estabelecido” Raul

Nada mais difícil que descobrir a própria vocação. Muitos cavalheiros, aliás trabalhadores, passam a vida acidentada à procura, sem resultado, de um ofício definitivo que se coadune com o próprio temperamento, e há indivíduos que depois de uma peregrinação pública por todas as profissões imagináveis morrem sem ter persistido em nenhuma. [...] (BARRETO, 2009: 70)

O trecho que nos serve de epígrafe é parte de uma crônica irônica de João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, que conta a história de Fortunato Gonzaga, um homem que nunca se definiu profissionalmente, teve muitas profissões – entre elas a de solicitador, de estudante, de ator, de escritor, de condutor de bonde, de eleitor dos partidos dominantes, de moço bonito e de carnavalesco – e, principalmente, muitas vocações. As aptidões de Fortunato Gonzaga estavam sempre em consonância com o que estava em voga. Fortunato fora republicano, poeta, bacharel, conferencista e esnobe. E sua “nova vocação” era a de militar. Em uma hipotética conversa com João do Rio, afirmava Fortunato que o Brasil precisava de mais soldados; o que fez João do Rio concluir que o “poliprofissional”, Fortunato Gonzaga, viraria praça. O desfecho irônico da crônica está na resposta de Fortunato, que afirma, como um bom cavalheiro que sempre fora, que ingressaria na Guarda Nacional. O texto de João do Rio critica a manutenção das tradições hierárquicas na República, que apesar da nova constituição, mantinha a Guarda Nacional.

Além disso, ao longo da crônica é nítida a sátira feita à cultura bacharelesca brasileira, que produziria inúmeros doutores, sem vocação ou aptidão, que buscavam no título uma forma de ascensão social. O tema do “bacharelismo” no Brasil é recorrente. A título de exemplo, podemos citar Sérgio Buarque de Holanda, que distingue o *finis operantis* do *finis operis* para explicar que no Brasil as atividades profissionais são quase acidentes na vida dos indivíduos, que só os utilizam para alçarem cargos e postos. O título garante mais a satisfação pessoal do que a construção de uma obra, e está intimamente ligado ao culto à personalidade, que seriam características herdadas de Portugal (HOLANDA, 1995: 157).

A Primeira República, aliás, se tornou momento no qual recaiu grande parte das críticas à produção-atuação “bacharelesca”, fruto da ação político-intelectual do Estado Novo (CODOATO & GUANDALINI, 2003: 151). Talvez Raul Pederneiras tenha mantido o seu prestígio como “intelectual” da Primeira República, pois carregava o adjetivo “humorista” ao lado do “intelectual”. Esta é a pedra de toque da sua ilusão biográfica. Ilusão que é

construída com Raul ainda em vida. Em uma de suas últimas entrevistas, feita para a *Revista da Semana*, os repórteres, ao reconstruírem a carreira artística de Raul, se perguntam ao longo como eram os versos de Madeira de Freitas, que terminavam por afirmar que Raul era um “bacharel degenerado em caricaturista”.¹ Eles terminam a entrevista sem se lembrar de tais versos, só se recordando das suas quadras iniciais: “Este é o Raul, doutor nas horas vagas/Bacharel em direito e Pederneiras” (“50 anos de memória de um doutor das horas vagas”. In: *Revista da Semana*, 29 de dezembro de 1945: 9-15).

O título da reportagem não poderia ser diferente: “50 anos de memória de um doutor das horas vagas”. Todavia, sua formação de bacharel é tão significativa quanto suas estratégias humorísticas para compreendermos sua obra. Ainda mais quando levamos em conta que sua atuação bacharelesca ultrapassou os próprios regimes políticos brasileiros. Raul Pederneiras estava se formando no Pedro II quando ocorreu a Proclamação da República, virou bacharel em Direito, delegado e professor da Faculdade de Direito na Primeira República e se aposentou já no Estado Novo, em 1942, enquanto discutia através dos jornais a importância da entrada do Brasil na guerra contra o Eixo².

Retornando ao texto de João do Rio que nos serve de epígrafe, afora sua verve irônica, o autor levanta uma questão importante do homem moderno e que reflete Raul Pederneiras: as múltiplas vocações e trabalhos que pode exercer. É nítido o quanto a metrópole fragmenta o indivíduo, fracionando atividades produtivas e especializando as tarefas, o que na visão de Simmel faria emergir uma “cultura objetiva” em contraposição à “cultura subjetiva” (SIMMEL, 1996: 11-25). No entanto, como aponta Gilberto Velho, não se pode ter uma visão unidimensional da vida e da sociedade urbana. Para o autor, o *estilo de vida urbano* produz indivíduos que possuem certa mobilidade de identidade, transitando entre mundos variados, por vezes mundos considerados contraditórios (VELHO, 1995: 227-234). O trânsito entre mundos de Gilberto Velho e a fragmentação causada pela divisão social do trabalho de Simmel, potencializam o homem “poliprofissional” e/ou “plurivocacional”.

No que tange aos intelectuais da Primeira República, geralmente as múltiplas tarefas são vistas como negativas: o homem de letras que teve a vida truncada pela burocracia

¹ Para ler os versos de Madeiras de Freitas, consultar: FREITAS, Madeira. “Os pinta monos”. In: *D. Quixote*, 25 de dezembro de 1918. APUD: NERY, Laura Moutinho. *Cenas da Vida Carioca: Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da PUC-RJ. Rio de Janeiro: 17 de outubro de 2000, p.70.

² Através de crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, entre 1941 e 1942, Raul Pederneiras se posicionou pela entrada do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos Aliados. Sendo uma resposta a Pedro Lafayette que lhe faz uma crítica na revista *Novas Diretrizes*. Nossa intenção é a de explorar esse conflito intelectual em outro capítulo da tese.

(Lima Barreto), ou que se vendeu nas possibilidades de ascensão social e política (Coelho Neto). O que se pretende demonstrar ao construirmos um perfil possível para Raul Pederneiras é que a “plurivocacionalidade” é o que o consagra como um dos principais autores de sua geração. A “plurivocacionalidade” e as múltiplas tarefas possibilitam diversas experiências individuais sobre a modernidade, além de distintos posicionamentos políticos ao logo da República.

A trajetória de Raul Pederneiras aponta para a construção de uma biografia de um intelectual “vencedor”. Raul não foi Mozart, Baudelaire, nem Lima Barreto. O caricaturista, ou o doutor, foi excepcionalmente talentoso, um gênio se utilizarmos a opção sociológica de Norbert Elias (ELIAS, 1995). Raul fez apostas profissionais que deram certo, que o tornaram um expoente em vida. Expoente esse previsto pelo cânone social, ainda que Raul tenha optado por adotar em “seus cartões” o “bacharel e o poeta”, para citarmos uma das frases finais de João do Rio na crônica mencionada. Categorias como a dos “vencedores” fazem perder o caráter processo dos dados sociais observáveis. Como explicar opções políticas circunstanciais, como o apoio a práticas políticas (como as reformas urbanas e candidaturas presidenciais) e a determinadas candidaturas eleitorais, se determinamos previamente que um autor faz parte de um grupo “derrotado”?

É fato que existiam as “igrejinhas” ou *coteries* dominantes que seriam os grupos que em determinada época seriam os principais da literatura, logo alvos de críticas e elogios daqueles que são de fora. Mas mesmo quando se define claramente as “igrejinhas dominantes” e as suas “rivais”, é preciso levar em conta que as redes de sociabilidade e a formação dos diversos sujeitos são muito mais complexas do que uma simples divisão intelectual. Quando Ana Paula Simioni analisa a trajetória do jovem Di Cavalcanti argumenta que o pintor (no seu caso, ainda um jovem ilustrador) soube circular pelas diversas “panelinhas” de sua época, desde os parnasianos, passando pelos simbolistas, até chegar ao grupo do Modernismo de 22:

A especificidade de Di Cavalcanti, entre os seus colegas de geração, está na série de relações que soube combinar: ao ser amigo dos acadêmicos-parnasianos, em virtude dos seus contatos familiares, dos simbolistas ligados à *Fon-Fon!*, que admiravam seus trabalhos, de João do Rio, personalidade fundamental da imprensa na *belle époque* fluminense, e ainda dos jovens liderados por Oswald de Andrade em São Paulo, conseguiu minar a própria lógica de organização do mundo intelectual dos anos iniciais de 1900: a lógica das “panelinhas”. (SIMIONI, 2002: 15)

As indicações de Simioni podem ser estendidas para inúmeros intelectuais da Primeira República. As “panelinhas” são idealizações e propostas literárias desenvolvidas por esses atores sociais, mas não significa dizer que tenhamos que aceitá-las como uma verdade

por inteiro, engessando a ação dos indivíduos. Raul, por exemplo, não se envolveu diretamente nas polêmicas atribuídas ao seu irmão, Mário Pederneiras, quando esse escreveu contra Olavo Bilac e os parnasianos. Pelo contrário, os parnasos, por meio da *Careta*, isentaram Raul, afirmando que Mário estava “[...] magoando amigos do seu irmão [...]” (In: “Uma nova igreja”. *Careta*, 6 de dezembro de 1913). A noção de “estruturas sociais da República das Letras” não deve limitar a análise das trajetórias individuais.

O mesmo cabe para a noção do intelectual boêmio como “intelectual-cidadão”. Não se deve negar a autoimagem do humorista como intelectual engajado, mas não se deve acreditar tanto que sua “autoimagem” signifique na prática uma vida truncada e excluída dos grandes círculos intelectuais e acadêmicos. A ideia de que o humorista não era reconhecido socialmente e que, por isso, fugiria de tal estigma, não aceitando o título de humorista (SALIBA, 2002: 135), não se sustenta como argumento ao analisarmos a vida de sujeitos como o próprio Raul. A associação entre o “humorismo” e a “boemia” é muito interessante e comprovadamente eficaz como tese, mas ela não pode negligenciar as diversas tomadas de posição política dos sujeitos em seu cotidiano, nem marcá-los previamente como “derrotados” e/ou *outsiders*.

Nesse ponto, nossa proposta de análise se coloca de forma complementar às de Laura Nery e de Rogério Souza Silva, que analisam as estratégias humorísticas de Raul Pederneiras face à modernidade e a desilusão republicana. Trata-se de uma análise complementar, pois os dois trabalhos abordam Raul através da sua “plurivocacionalidade”. Segundo Nery, Raul transitava entre o cânone e o popular (por vezes, em um mesmo trabalho). A dissertação de Laura Nery, além de importantes dados biográficos, traz uma análise interessante de Raul como um “etnógrafo” da urbe em transformação. Raul é comparado ao cronista, que como um *flâneur* observa os tipos sociais e as mudanças sócio-espaciais do Rio de Janeiro, porém sempre de forma crítica, diferente de seu irmão, Mário. Segundo Nery:

Os pontos de vista de Mário e de Raul expressavam bem os diferentes posicionamentos dos intelectuais e artistas quanto à remodelação do Rio de Janeiro e as transformações sociais e culturais a elas ligadas. Raul tinha uma abordagem crítica, típica inclusive da linhagem de caricaturistas a qual pertencia, mais facilmente comparável à visão de um Lima Barreto. (NERY, 2000: 26)

Nesse caso, não há uma contraposição de argumentos, pois também acreditamos que podemos analisar parte da obra de Raul através da complexidade existente entre a utopia “civilizatória” e a realidade excludente da cidade em transformação. Porém não por completo, pois Raul também se entusiasmou com parte da regeneração da cidade, o que

pode ser notado em suas crônicas sobre sua participação na Exposição Nacional de 1908.³ Da mesma forma, Rogério Souza Silva também aborda o Raul “multitalentoso”, comparando-o a Ulrich, de Robert Musil, pois ele transitará no mundo da linguagem entre a erudição do século XIX e as linguagens ordinárias do século XX, o que explica publicações díspares, como *Direito Internacional Compendiado* e *Geringonça Carioca*. A sua tese, recém-defendida, tem como título *Modernidade em desalinho: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936)*. O título é indicativo do caminho que percorre o autor, uma vez que há um interessante debate sobre o “moderno” e os “costumes” na obra de Raul Pederneiras. O trabalho também se destaca por abordar de forma crítica a suposta “apolitização” de Raul Pederneiras, apontando em seus trabalhos traços nacionalistas, anti-imperialistas e, até mesmo, um breve fascínio com o fascismo (SILVA, 2014: 238). Para Silva, há no trabalho de Raul uma nítida ausência de sentido da modernização brasileira, pois o autor seria influenciado pela frase “essa não é a República dos meus sonhos”:

[...] Como muitos intelectuais de sua geração ou, mais precisamente, intelectuais humorista, Raul teve na República sua principal fonte de inspiração. “Esta não é a república dos meus sonhos” foi uma frase comum que aparecia escrita em diferentes publicações ilustradas da época. Um retrato de pessoas que viram a consolidação do regime e a sua rápida degradação.

Para Raul a política deveria ser um conjunto harmônico de idéias e ações. No entanto, a experiência republicana brasileira mostrava exatamente o contrário. Esses fatores surgem com bastante clareza nos seus textos e caricaturas. (SILVA, 2011: 10)

Ainda assim, segundo o autor há visões de “progresso” e “conservadorismo” na obra humorística de Raul, que seria mais pragmático do que dogmático (SILVA, 2014: 221). Exemplos da visão pragmática de Raul seriam as charges posteriores à Revolta da Vacina, quando o autor criticou tanto os revoltosos, quanto a ação policial (SILVA, 2011: 11), além da sua posição em relação às candidaturas de Rui Barbosa nos pleitos presidenciais de 1909-1910 e 1918, no primeiro apoiando Hermes da Fonseca e, no segundo, apoiando Rui Barbosa (SILVA, 2014: 217). De fato, desde a nomeação de Rui Barbosa pela chamada Convenção de Agosto, de 1909, as charges de Raul no *Jornal do Brasil* foram de crítica ao político baiano.

Com relação à Revolta da Vacina, há uma ressalva, pois Raul fez parte da Liga Contra a Vacina Obrigatória.⁴ Independente das supostas conspirações políticas de Lauro Sodré, a ideia da Comissão da qual fez parte Raul era promover uma mobilização política

³ Ver as crônicas: “Terra Gaucha”, *Jornal do Brasil*, 12 de julho de 1908, p 7; “Bons momentos”, *Jornal do Brasil*, 19 de julho de 1908, p 7; e “Grande momento”, *Jornal do Brasil*, 9 de agosto de 1908, p 7.

⁴ Raul assina uma carta publicada no *Jornal do Brasil*, de 5 de novembro de 1904, p. 3, convocando a população ao Centro das Classes Operárias, visando à mobilização popular contra a Vacina Obrigatória.

capaz de pressionar o governo a vetar a lei da Vacinação Obrigatória. Quando a multidão ocupou as ruas, Raul deixou de desenhar favoravelmente à revolta. O que pode ser também um reflexo da censura. No dia 18 de novembro ele produziu uma charge, colocando a “Pátria” acima dos interesses “particulares”, como um bem comum a ser alcançado pela paz social (Imagem 2).



Imagem 2 – *Jornal do Brasil*, 18 de novembro de 1904.

Logo, sua produção humorística (nas charges especialmente) não pode ser dissociada de sua formação bacharelesca e de elite. Ser professor-doutor, reconhecido, ajudou Raul Pederneiras a se tornar um boêmio relevante, um cânone. Nesse sentido, não há como dissociar a imagem dos dois personagens. O indivíduo moderno ao assumir diversos papéis sociais no mundo urbano não se isenta de ser reconhecido como um ator de todos esses papéis, ainda que sua atuação dependa de um determinado contexto. Portanto, o bacharel é caricaturista e o caricaturista é bacharel. Raul não somente transita entre dois mundos, o canônico e o boêmio: seu duplo papel social é evocado em qualquer arena em que ele atue. A ilusão biográfica sobre Raul mais uma vez se estabelece: o caricaturista-doutor é o que marca sua força como cânone, como gênio. O “intelectual-humorista” “esquece” o homem de elite, o Raul “estabelecido”, o professor-doutor. E é o professor-doutor um papel fundamental para reconstruir a trajetória de Raul. É nesse Raul “plurivocacional” que nos deteremos.

3 – Atuações profissionais e políticas do “vencedor” Raul

Do Sr. Raul Pederneiras, digno filho do nosso bom colega do *Jornal do Comércio* Dr. Pederneiras, recebemos um belo desenho à pena, que denota, além de boa execução, um apurado gosto. [...] Infelizmente, veio tarde; mas nem por isso deixamos de agradecer-lhe a sua bonita oferta, que guardaremos como uma bela lembrança de tão distinto amator. (“A nossa mesa”. *Don Quixote*. 2 de março de 1895: 7)

Quando Antonio Luis Machado Neto analisou a estratificação social da República das Letras afirmou que os intelectuais não constituíram camada uniforme, nem formavam uma classe social, um estamento ou uma casta. Os intelectuais procediam das mais variadas classes e degraus da hierarquia social (MACHADO, 1973: 98). Dos 60 intelectuais que o autor observou, nove eram filhos de comerciantes, sete de fazendeiros, dois de militares, um de milionário, quatro de políticos, um de diplomata, um de jornalista, dois de titulares do império, e outros quatorze não foi possível o enquadramento familiar. *Grosso modo*, o autor conclui que eram filhos de uma classe dominante (MACHADO, 1973: 100).

Quanto à situação social do escritor na fase de sua plena realização profissional, houve casos de ascensão, mas ela não era evidente e nem pode ser generalizada. O casamento bem sucedido e a formação em curso superior eram canais importantes de ascensão ou manutenção desses intelectuais nas camadas superiores. O que faz o autor concluir no capítulo “Bacharéis doutores” que o Brasil era um país de “bacharéis”, questionando o estereótipo de autodidatismo intelectual na República das Letras (MACHADO, 1973: 102-103).

Raul Pederneiras se enquadrava nesse grupo. Se remontarmos a sua genealogia, o encontraremos dentro dos intelectuais da camada superior e que, ao se formar, vai procurar manter seu *status* social. Como indica a epígrafe, Raul contava com o reconhecimento do pai, Manuel Velloso Pederneiras, para inserção na República das Letras. Laura Nery utiliza o trecho para afirmar que por pouco o pai não foi o iniciador da carreira de Raul na imprensa ilustrada (NERY, 2000: 22). Essa nota foi publicada na revista *Don Quixote*, o último empreendimento de Angelo Agostini antes de entrar para as empresas O Malho, onde colaboraria para *O Malho* e *O Tico-Tico*. Na ocasião, Raul Pederneiras enviara um desenho com a logomarca da revista, reproduzindo Sancho Pança. Ao citarmos, no entanto, queremos reforçar o termo “amador” que fecha a nota de Agostini. Amarrando um pouco as ideias, quando Machado Neto indica a importância da genealogia para a formação dos intelectuais brasileiros, e Nery a importância do pai de Raul para a sua formação/inserção na imprensa, cabe mencionar que tudo poderia ter dado errado. A frase é contrafactual, mas nos serve como exercício de reflexão quando pensamos na relação entre Mozart e seu pai, que procurou

formá-lo para ser um músico de corte e se decepcionou com as opções de autonomia que Mozart tomou ao se aproximar de valores burgueses (ELIAS, 1995: 22-23).

Manoel Velloso Pederneiras procurou formar Raul através dos canais mais propícios para a manutenção do *status* social de sua família. Matriculou-o na Escola Imperial de Belas Artes e, depois, fez com que Raul estudasse no Colégio Pedro II, o que o levou a ser aceito na Faculdade de Direito, canais fundamentais da formação da elite, como nos ensina Jeffrey Needell, em *Belle époque tropical* (NEEDEL, 1993). Mas também formou o intelectual-humorista, porque em sua atuação profissional também se utilizava da sátira. Dr. Paranhos Pederneiras, como era conhecido, foi membro da geração de 1870, já era um senhor, porém era uma referência para autores como Coelho Neto, Olavo Bilac e Arthur Azevedo, os “jovens boêmios”.

Manoel Pederneiras também teria importante inclinação na formação acadêmica e política do filho. Para Laura Nery, talvez isso explique o fato do jovem Raul com 15 anos ter se alistado no Exército logo após a Proclamação da República (NERY, 2000: 23). Particularmente, concordo. Porém, a influência do pai, por si só, não garantiria a adesão do jovem Raul ao exército “revolucionário”. Cabe destacar que Mozart tomou sua própria escolha ao abrir mão do posto relativamente seguro na corte de Salzburgo, tentando fazer uma carreira em Viena, não obtendo êxito profissional (ELIAS, 1995: 40). A genealogia é fundamental para compreender o sujeito, mas não é um determinante. Há nas opções, nas estratégias cotidianas e na experiência do sujeito uma chave importante de sua atuação profissional e política. Raul foi influenciado pelo pai, mas também já possuía uma experiência política como jovem estudante do Colégio Pedro II. Seus colegas também se alistaram, Raul já era um ser pensante e com tomadas de decisões.

O importante para se compreender a trajetória de Raul é fazer uma união entre a genealogia e sua experiência. Raul escreve em suas crônicas autobiográficas sua visão da Proclamação. Em “Primeiras Armas”, o autor descreve os dias posteriores ao 15 de novembro de 1889, dizendo que o Colégio Pedro II reabriu as portas após os momentos mais conturbados e que no antigo casarão do colégio só se ouvia falar da Proclamação, com comentários que entusiasmavam a todos. Segundo o autor, ouvia-se a demagogia em chavões como: “Os sagrados princípios de 89”.

Participando do movimento entusiasta apresentamo-nos com a maioria dos companheiros e, em forma, seguimos para o Quartel-General, desejosos de que nossos serviços fossem aproveitados. Na luta desses dias agitados, tomaram os nossos nomes em listas provisórias e, por ordem superior, tivemos de comparecer

diariamente ao quartel, às 6 horas da tarde para os exercícios elementares. (PEDERNEIRAS, 28 de dez. 1913: 9)

Raul então fala das manobras que aprendeu no exército e sobre uma apresentação feita pelo incipiente batalhão de acadêmicos. O grupo foi diminuindo com a normalização da situação política, mas, algum tempo depois, foi criado um destacamento especial para os estudantes. Nesse momento Raul não foi contemplado, pois existia um limite de quinze anos para a admissão. Portanto, não foi somente o pai de Raul que lhe imputou o desejo de alistar-se, mas também sua própria formação intelectual e política no Pedro II, ainda que Raul fosse um adolescente de 15 anos. É proposital falar disso, pois a sua experiência reafirma nossa hipótese de que Raul não foi um mero reproduzidor da “desilusão republicana”. Nem ele, nem nenhum outro caricaturista da Primeira República, mesmo que muitos não tenham experimentado o sentimento de “ilusão republicana” da geração de 1870. Cada formação política e intelectual forjou um sujeito diferente, que experimentou e analisou de maneiras distintas a experiência republicana.

Raul Pederneiras formou-se no Colégio Pedro II, bacharel em Letras, em 1890 (NERY, 2000: 24), não sendo localizada sua admissão na Faculdade Livre de Direito, do Rio de Janeiro. Ainda assim, sabe-se que Raul estudava na Faculdade em 1893 e que sua formatura foi em dezembro de 1896, quando se bacharelou em Direito, na turma de Ciências Sociais. Durante os estudos na Faculdade Livre de Direito, Raul já fazia parte do Instituto de Bacharéis em Letras, instituição fundada em 1863, que reunia os ex-alunos do Colégio Pedro II. Ao sair da Faculdade, Raul trabalhou como secretário de duas instituições: o Instituto de Bacharéis em Letras, que teve como um dos presidentes o seu pai; e da própria Faculdade Livre de Direito (*Almanak Lammert*, 1897: 822); além de ter sido professor do Liceu de Artes e Ofício, entre 1898 e 1899,⁵ atuando como professor da cadeira de “Desenho de figura” (*Almanak Lammert*, 1898: 828).

O pai de Raul também aparece com destaque na crônica autobiográfica “Um delegado”. Isso porque foi Manoel Velloso Pederneiras que lhe deu a notícia de que saíra a sua nomeação para o cargo de delegado de polícia. A atuação do professor-doutor começa a se configurar com mais clareza e Raul vai se estabilizando profissionalmente, mesmo que seja um fracasso como delegado. A passagem profissional pela delegacia de polícia foi bem rápida, porém interessante. O jovem bacharel assumiu a 16ª Circunscrição, no Engenho Novo, por portaria publicada do dia 10 de março de 1900, publicada no Diário Oficial no dia 15 de

⁵ Ver: *Jornal do Brasil*, 8 de julho de 1899, p. 1; *Jornal do Brasil* 11 de outubro de 1899, p. 3; e *O Paiz* de 22 de outubro de 1898, p. 3.

março de 1900 (*Diário Oficial*, 15 de março de 1900: 1). Raul afirma que lhe faltava maturidade e talento para a ocupação do cargo, apontando os casos hilariantes que começavam a aparecer, como a queixa de um cavaleiro contra o seu vizinho, que lhe furtara uma galinha.

Raul teria solucionado o caso da seguinte maneira. Sugeriu que o vizinho comprasse uma nova galinha para o cavaleiro e recomendou a esse que cercasse melhor o seu terreiro, para não confirmar o axioma: “a galinha da vizinha é melhor que a rainha.” Afora os casos que lhe “enxurravam” assuntos para desenhos, e a vida pacata dos subúrbios, Raul começou a observar muitas brigas entre parentes, e “mexericos” entre os próprios inspetores, o que começou “a pesar demais no coração moço do Delegado”:

Enjoado, aborrecido, diante de toda essa mesquinaria, bendisse o rapaz a reforma policial da época que incompatibilizava o seu cargo com qualquer outra profissão, e assim [ilegível] mandou [ilegível] o cargo que só lhe deu dissabores, e voltou para o jornalismo e para o professorado, prometendo escrever um livro sobre essa vida extravagante a qual jurou não mais voltar, nem mesmo coberto de ouro, porque um cargo de gestão lhe deu mais velhice e mais descrenças do que um decêndio de vida, vivida. (PEDERNEIRAS, “Um delegado”. In: *Jornal do Brasil*, 13 de outubro de 1907: 6)

Raul utiliza a palavra decêndio, mas talvez fosse decênio. É possível que tenha sido um pequeno erro pela rapidez com que produzia, ou mesmo um erro da própria tipografia do *Jornal do Brasil*. Mas a ideia é clara, tratava-se de uma experiência negativa de Raul como delegado. Talvez a única profissionalmente. A nomeação de Pederneiras como delegado foi feita sob a chefia de Enéas Galvão (BRETAS, 1997a: 38-39) e a legislação que o impediu de manter-se no cargo foi a Reforma de 1900, que o obrigava a estar de manhã e de noite na delegacia do Engenho Novo (*O Paiz*, 24 de abril de 1900: 1), o que deveria chocar-se com sua atuação administrativa como secretário do Instituto de Bacharéis em Letras e secretário da Faculdade Livre de Direito.

De qualquer maneira, é nítida a falta de preparo de Raul para o cargo administrativo ao qual foi nomeado. Sua formação foi o cotidiano da prática policial, o que confirma a hipótese de Marcos Bretas, desenvolvida em *Ordem na cidade* (BRETAS, 1997b: 15-16). No entanto, é um cotidiano que lhe traz angústias, escamoteadas pela fala humorística do caso dos vizinhos, mas materializada na frase de que jamais retornaria ao posto, mesmo que “coberto de ouro”. Raul teria outros cargos administrativos, logo o que lhe pesou foi a experiência de ser policial. Especialmente, ser policial no subúrbio. A experiência administrativa como delegado até sugere temas e assuntos para o “intelectual-humorista”, mas

é um lugar do homem “plurivocacional” que constrói uma experiência particular do sujeito: a do homem de elite que tem de administrar a cidade em transformação e crescimento.

Encontramos alguns exemplos mais concretos da construção do sentimento de amargura de Raul no ofício de delegado. Um dos casos com maior repercussão foi o da detenção da prostituta Dolores, que segundo o artigo do jornal era bem conhecida na cidade, pois era constantemente presa “na hospedaria da Rua Frei Caneca”. Dolores teria se mudado com o seu “amásio”, o “punguista” (batedor de carteiras) José Rodrigues, para um *chalet* na Rua Gregório Nunes. No dia 6 de julho de 1900, Dolores entrou em um botequim, onde encontrou um velho inspetor conhecido, saudando-o e sentando-se ao seu lado, quando pediu um cálice de aguardente. O inspetor teria se sentido ofendido, retirando-se com os praças que o acompanhavam. Logo depois, segundo o relato oficial, Dolores já estava alcoolizada e alguns soldados tentaram acalmá-la:

Foi quanto bastou para que Dolores mostrasse o que era; fazendo lembrar aqueles belos tempos da capoeiragem, distribuiu sopapos e pontapés com tanta agilidade, que no primeiro momento pôs todos em debandada, inclusive os mantenedores da ordem, provocando assim grande desordem. (*Jornal do Brasil*, 7 de julho de 1900: 2)

Apareceu, então, o inspetor Alvim, que efetuou a prisão em flagrante da mulher, que foi autuada pelo delegado Raul. O artigo termina da seguinte forma: “Vai Dolores descansar algum tempo!” O caso de Dolores é interessante, pois coloca para Raul o problema da prostituição e submundo que a noção de um subúrbio “pacato” escondia. Dolores não apareceria no botequim constantemente se não houvesse clientes, nem sentaria com tanta intimidade com o inspetor se não tivesse algum tipo de relacionamento prévio com ele. Na crônica, o agente da polícia se afastou, saindo com os seus praças. Mas fica implícito um problema que Raul teria de se confrontar, a corrupção policial.

Aliás, no dia 22 de setembro de 1900, Raul Pederneiras foi alertado, através da coluna “Queixas do Povo”, para o fato de que um de seus subordinados estava cobrando propinas de homens do jogo do bicho (*Jornal do Brasil*, 22 de setembro de 1900: 2). O desgaste físico e emocional de Raul Pederneiras era nítido. O emocional ficou claro nas suas reminiscências autobiográficas e o físico se deu logo em outubro de 1900, quando o delegado pediu uma licença de 15 dias para tratar da saúde (*Jornal do Brasil*, 10 de outubro de 1900: 2). Ao retornar ao posto, Raul Pederneiras ainda teria de resolver outro problema muito grande, a prisão de sete homens acusados de se envolver com o jogo do bicho (*O Paiz*, 19 de dezembro de 1900: 1). Cinco deles foram até a redação do jornal *O Paiz*, afirmando que foram presos injustamente, fazendo, porém uma ressalva: “Todos os queixosos rendem justiça

ao dr. Raul Pederneiras, dizendo-nos que são seus inspetores que promovem estas arbitrariedades, naturalmente desconhecidas do S. S., que não mora na circunscrição.”

Raul Pederneiras era um agente policial que de fora tentava administrar o subúrbio da 16ª Circunscrição. A aventura do bacharel nessa administração pública é um fracasso. O seria também se fosse em outra região administrativa da cidade. Não era o local, era o sujeito. Porém o fracasso de Raul foi o que lhe motivou a querer superar a sua condição e a sua vitória profissional começaria a se desenhar ainda no ano de 1900, quando começou a se estabilizar profissionalmente. Atuando no periódico *Rua do Ouvidor*, onde publicava poemas, Raul apareceu em uma nota publicada no dia 6 de junho de 1900 que lhe consagrava pela indicação como professor substituto na cadeira de “História do Direito”, na Faculdade Livre de Direito. Raul ocupava a vaga provisória do professor Silvio Romero (*Rua do Ouvidor*, 9 de junho de 1900: 6), e não saíria do posto de lente da faculdade. Algum tempo depois Raul assumiu a vaga de “Direito Internacional”, que lhe trouxe certo prestígio no meio acadêmico. Raul permaneceu na instituição até 1942, quando se aposentou. O mesmo se dá no campo artístico. Em 1902 Raul lançou o periódico *O Tagarela* e a revista de ano *O esfolado*, junto com Vicente Reis.

O “plurivocacional” começava a se mostrar, mas também já começa a ser construída a linha de ilusão biográfica de Raul: a do homem de imprensa, humorista em detrimento do bacharel. Em um dos seus primeiros perfis, publicado na própria *Rua do Ouvidor*, Raul foi assim descrito: “O seu talento, variado e pujante, tem-se revelado numa intensidade de matizes que formam o mais belo ornamento do seu nome.” No perfil citado, o talento pujante e variado é levado para as caricaturas e para os poemas humorísticos. A caricatura era valorizada, pois Raul era à época redator artístico do jornal *O Paiz*, trabalhava na *Revista da Semana*, já publicando sua coluna mais famosa “Cenas da vida carioca”. A revista valorizava o fato de Raul ser colaborador do periódico e terminava da seguinte maneira o perfil de Raul:

Pois a este moço extraordinário ainda lhe resta tempo para outras ocupações. Ainda há pouco tempo era delegado da ex-16ª Circunscrição, sem nunca abandonar a sua faina diletta no jornalismo. É o que se pode chamar um artista, pois nunca consentiu em sacrificar os seus belos ideais aos mais honrosos postos oficiais. (“Raul Pederneiras”. In: *Rua do Ouvidor*, 19 de janeiro de 1901: 1)

A ilusão biográfica, aos poucos, vai negando o lado “bacharelesco” pelo de “artista”, como menciona a frase. Raul nunca deixou de fazer parte do meio acadêmico, e sempre ocupou espaços importantes nas camadas superiores da Primeira República. Um dos

maiores exemplos foi sua presença na Associação de Imprensa Brasileira (ABI). Raul se filiou à entidade logo no seu início, em 1908, e em 1911 já era vice-presidente da instituição (*O Paiz*, 4 de maio de 1911: 11), assumindo a presidência interinamente em julho de 1911 (*O Paiz*, 17 de julho de 1911: 6). Especialmente no ano de 1912, Raul, como presidente em exercício e como vice-presidente, se envolveu em algumas questões polêmicas que ainda reverberavam a Campanha Civilista e a política intervencionista de Hermes da Fonseca nos Estados. A atuação na ABI é um indício importante do trânsito político de Raul Pederneiras. Raul, por exemplo, presidiu a sessão da ABI que votou pela expulsão de Raphael Pinheiro – acusado de empastelar jornais “pró-Rui Barbosa” na Bahia – e do general Dantas Barreto, presidente de Pernambuco e Ministro da Guerra de Hermes (*O Paiz*, 3 de abril de 1912: 2).

De qualquer forma, o cargo administrativo da ABI abriu possibilidades políticas importantes para Raul, o que só será reforçado com a sua efetivação como presidente da instituição entre os anos de 1915 e 1916. Em 1915, Raul foi eleito vice presidente da ABI, que tinha como presidente Belizário de Souza. No entanto, em agosto do mesmo ano, Belizário tirou licença do cargo e (*O Paiz*, 13 de agosto de 1915: 6), no início de 1916, Raul Pederneiras assumiu a presidência da instituição (*O Paiz*, 12 de janeiro de 1916: 2). Em 1918, terminou o primeiro ciclo de Raul na presidência da ABI, momento em que assumiu a direção artística da *Éclair*, fábrica de brinquedos infantis (*O Paiz*, 14 de janeiro de 1918: 3). Foi um momento artisticamente importante para Raul, pois ele recebia homenagens pelas comemorações do seu vigésimo ano de ingresso na imprensa. Nesse momento, Raul já conjugava o cargo de Professor de Direito Internacional e o de professor de Anatomia da Escola Nacional de Belas Artes, onde foi concursado em 1917.

Raul retornaria para a ABI em um segundo ciclo de governo, entre 1920 e 1926, sendo reeleito nos anos de 1922 e 1924.⁶ Esse é um momento importante, pois Raul passou pela crise oligárquica da década de 1920. Em meio ao empastelamento de vários jornais, Raul chegou a renunciar ao cargo de presidente da ABI em maio de 1922, mas foi demovido da ideia (*O Paiz*, 5 de maio de 1922: 4). Em 1923, Adoasto Godoy acusou a instituição de ter acobertado e apoiado os revoltosos (*O Paiz*, 6 de março de 1923: 4), sendo que nessa época a ABI estava sediada em um prédio militar, em uma das alas do Quartel dos Babonos (NERY, 2000: 62). Nesse momento, segundo Laura Nery, Raul estava envolvido

⁶ Sobre sua eleição e reeleições na ABI, ver: *O Paiz*, 14 de maio de 1920; *O Paiz*, 7 de maio de 1922 e *Fon-Fon*, 24 de maio de 1924.

diretamente com a questão da construção de uma sede para a ABI, além de trabalhar na finalização da construção do Retiro do Jornalista (NERY, 2000: 63).

Além da sede da ABI e do Retiro dos Jornalistas, com Raul na presidência, houve uma vitória importante dos profissionais das gráficas em 1921, pois foi aprovada uma lei no âmbito municipal que lhes garantia o descanso dominical. Raul estava na Associação Gráfica na solenidade comemorativa dessa legislação (*Fon-Fon*, 13 de agosto de 1921). Ademais, Raul era, desde março de 1924, membro do Conselho de Proteção e Assistência aos Menores, convidado pelo Ministro da Agricultura, Miguel Calmon (*O Paiz*, 14 de março de 1924: 4). E, de fato, desenvolvia trabalhos diretamente relacionados com a Associação de Pequenos Jornaleiros. O autor, portanto, construiu um importante capital político, que foi posto à prova em uma candidatura ao cargo municipal de intendente em 1926. Colecionando cargos administrativos e públicos e sendo uma figura conhecida, principalmente por conta de suas caricaturas diárias, mas também pelo seu trânsito político na ABI, Raul se candidatou a uma vaga no Conselho Municipal. Portanto, não concordamos com a hipótese de que Raul tenha se candidatado por conta do cansaço ou da desilusão com a política (SILVA, 2014: 389). No dia 27 de fevereiro, os colaboradores da *Revista da Semana* afirmavam que era com alegria e surpresa que recebiam a candidatura de Raul Pederneiras para o cargo de intendente do Rio de Janeiro:

Raul, figura popular na cidade pela sua soberba veia humorística; na alta sociedade pelo seu feitio de *gentleman*; na cátedra da Faculdade de Direito e da Escola de Belas Artes pelas suas lições; Raul é bem um vulto digno de representar, no Conselho Municipal, a sua terra natal, emprestando ao ambiente onde os nossos edis discutem e votam as leis do Município o fulgor do seu talento e o prestígio do seu caráter. (“Raul intendente”. In: *Revista da Semana*, 27 de fevereiro de 1926: 29)

Segundo a nota, Raul tinha o caráter necessário para o cargo. Além de elencar diversas “qualidades” como ser um *gentleman* e cátedra de duas instituições de ensino superior, importa afirmar que o fato de ser apontado como um “intelectual-humorista” não impedia que Raul ocupasse um cargo de alta responsabilidade. Portanto, Raul não era um *outsider*, mas um estabelecido, mesmo que tenha sido derrotado nas urnas. Aliás, segundo a nota da revista, o seu caráter e figura seriam, inclusive, importantes, pois: “[...] nada haverá, mesmo no Conselho, que o faça rumar por estradas inconfessáveis, mesmo porque o nosso Raul, cuja surdez é manifesta, continuará ali surdo à politicagem.” No quadro abaixo é possível analisar o quadro eleitoral ao Conselho Municipal publicado pelo jornal *O Paiz*:

Candidatura de Raul Pederneiras a Intendente (1926)			
1º Distrito (por bairros)	Votos em Raul	Votos Totais	Porcentagem
Gávea (3 seções)	20	4366	0,46%
Copacabana (4 seções)	28	5205	0,54%
Lagoa (11 seções, funcionando 10)	180	4872	3,69%
Glória (12 seções)	186	8962	2,08%
São José (18 seções) *	1109	15138	7,33%
Candelária (11 seções)	230	11997	1,92%
Santa Rita (12 seções. 3 não apuradas)	100	13281	0,75%
Sacramento (16 seções)	180	15052	1,20%
Santo Antônio (16 seções, funcionando 14)	317	12552	2,53%
Santa Tereza (3 seções, funcionando 2)**	5	585	0,85%
Sant'Ana (19 seções)**	0	17715	0,00%
Gamboa (7 seções, funcionando 5)	2	6291	0,03%
Total	2351	116016	2,03%
*terceiro mais votado. Atrás de C. Pessoa e C. Pinto	** Raul não aparece na listagem final do jornal.		
Fonte: <i>O Paiz</i> , 3 de março de 1926, p. 5.			

Raul obteve 2351 votos. Não foi o suficiente para a sua eleição, o que é compreensível, entre outras coisas, pelo próprio controle e fraude eleitoral da Primeira República. No entanto, dois mil votos representam bastante em um regime de fraudes. Raul era, de fato, uma figura conhecida e popular, capaz de atrair votos. Além disso, é muito interessante que pouco mais de 82% de seus votos tenham se concentrado na “Cidade Velha” (Candelária, Santa Rita, Sacramento, São José e Santo Antônio e parte da Gamboa) (CARVALHO, 1990: 114-115). O centro e a cidade velha eram os lugares de atuação do Raul bacharel e caricaturista, ali era também seu espaço do seu reconhecimento público. A popularidade de Raul ultrapassava as fronteiras da cidade, pois os jornais e revistas circulavam para os subúrbios e outras regiões da cidade através dos bondes. Porém, foi no centro pulsante da política carioca que Raul conseguiu angariar mais eleitores.

A sua militância jornalística na ABI (não mais como presidente) ainda lhe traria frutos políticos, porém não tão significativos. O regime de 1934, particularmente, trouxe algumas derrotas profissionais para Raul. Primeiro, com a revolução de 1930, houve a extinção do Conselho Nacional de Belas Artes, que foi reestruturado pelo Ministro da Educação e Saúde, Washington Pires. Raul foi nomeado então para fazer parte do novo Conselho, mas refutou a proposta (*O Paiz*, 9 de fevereiro de 1934: 3). Não há sinais de que tenha sido uma represália, mas Raul, que na época era diretor interino da Faculdade de Direito, não conseguiu assumir a cadeira de “Direito Privado Internacional”, que ficou a cargo do professor Haroldo Valadão (*O Paiz*, 19 de abril de 1934: 2).

Raul já era um intelectual consagrado. Humorista, trocadilhista, comediógrafo, professor e doutor e ainda recebeu mais uma importante nomeação para o legislativo. Em novembro de 1934, seu nome foi sugerido pelo presidente da Associação de Imprensa do Estado do Rio de Janeiro, uma instituição que funcionava como uma espécie de sindicalização dos jornalistas fluminenses, para concorrer ao cargo de deputado classista (*O Paiz*, 9 de novembro de 1933: 4). Em um texto com muitos trocadilhos, Raul agradeceu a indicação feita por Afonso Magalhães Júnior, dizendo em carta:

Sua carta penetrou na *urna* do meu coração para o *sufrágio* perpétuo de minha gratidão sincera. [...] Militando na imprensa há 38 anos bem contados, tive sempre o grato consolo de ser compreendido, entre meus pares, como congregador da classe e desinteressado defensor de seus interesses legítimos. Desconheço a *megera* política, que *me gera* a figura de um gabinete indevassável dos homens de boa vontade. [...] Generosa escolha, que me põe *imprensado* pela aceitação. [...] (*O Paiz*, 4 de novembro de 1934: 4)

Raul aceitou a indicação, mas na eleição interna na Associação Brasileira de Imprensa, que escolheu por fim o representante dos jornalistas, Raul foi novamente derrotado. Foram 336 eleitores e Raul, em quarto lugar, recebeu somente 4 votos. A vitória foi de Herbert Moses, presidente da ABI (1931-1934), que tinha certo trânsito entre os políticos do governo, com 238 votos. O segundo colocado, Franklin Palmeira, obteve 59 votos e o terceiro, Aníbal Martins Alonso, com 30. De qualquer forma foi uma grande demonstração de apoio de um quadro institucional externo à ABI a um de seus principais representantes. Foi, portanto, uma eleição bem conduzida, atendendo aos interesses do governo e, provavelmente, da cúpula que comandava a ABI, uma vez que Herbert Moses obteve mais de 70% dos votos.

Academicamente, o Estado Novo representaria o final da carreira do doutor Raul Pederneiras. Segundo o próprio, em citada entrevista dada à *Revista da Semana*, o governo Vargas impediu que Raul continuasse a acumular os cargos de professor da Faculdade Livre de Direito e da Escola Nacional de Belas Artes, apesar de Raul tentar apelar diretamente sobre o assunto com Vargas.

[...] Era difícil a obtenção de tal favor, eu sabia. Por isto mesmo resolvi fazer acompanhar o meu pedido de um presente para ele. E o presente foi um medalhão que, olhado contra a luz, fazia ver o seu perfil. Dizia eu na petição que ali ia o gesso. A cópia em bronze seria enviada quando saísse o despacho favorável. Veio o despacho: “Que eu optasse”. Ora, como eu queria apitar e não optar, não mandei o bronze ao Getúlio. (“50 anos de memória de um doutor das horas vagas”. In: *Revista da Semana*, 29 de dezembro de 1945: 15)

Em 15 de agosto de 1942, a mesma *Revista da Semana* noticiava e cobria a festa em homenagem ao catedrático Raul que se aposentava na Faculdade Nacional de Direito, após 45 anos de trabalho na instituição. A revista publicou o discurso de Raul, que

nos serve como o fechamento desse texto. Nela, os papéis de bacharel, professor e doutor são colocados juntos ao do humorista.

[...] Devo confessar que minha inclinação primeira indicava as belas artes; meus saudosos pais louvavam a tendência, mas muito receavam a vida intensa que, mais tarde, me alcançaria. Depois de cursar durante um ano a Academia Imperial de Belas Artes, fui admitido no lendário Colégio Pedro II, onde, ao cabo de sete anos de curso, fiquei habilitado ao ingresso na Faculdade de Direito. Um dia, ao folhear o livro de um calouro companheiro, encontrei este verso animador: “Não fazem mal as musas aos doutores”. Criei alma nova. As artes poderiam viver muito bem com a ciência, em perfeita associação de auxílios mútuos. (*Revista da Semana*, 15 de agosto de 1942: 6)

Um papel não existiria sem o outro. Raul era um homem “plurivocacional”, “multitalentoso”, que teve ambições profissionais e políticas. Foi derrotado em alguns momentos, como em sua inserção na política estrita dos legislativos municipal e federal, mas não há trajetória marcada só por vitórias. Entretanto, dentro da configuração dos campos artísticos e intelectuais da Primeira República (e, por que não dizer, do Brasil pós 1930 também), Raul alcançou postos muito altos, o que o coloca como um “estabelecido” e não como um *outsider*. Cabe, nas próximas etapas do trabalho, discutir o quanto a formação acadêmica de Raul influenciou na sua produção humorística, especialmente nas suas charges.

4 – Referências

4.1 – Fontes primárias

Almanak Lammert: Almanaque administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1897, p. 822.

Almanak Lammert: Almanaque administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1898, p. 828.

PEDERNEIRAS, Raul. “Um delegado”. In: *Jornal do Brasil*, 13 de outubro de 1907, p. 6

_____. “Primeiras armas”. In: *Jornal do Brasil*, 28 de dezembro de 1913, p. 9

4.2 – Livros, dissertações e artigos

BARRETO, Paulo. (pseud. João do Rio). *Cinematógrafo*: crônicas cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 183-191.

BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas*: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997a.

_____. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

CODOATO, Adriano Nervo e Jr. GUANDALINI, Walter. “Os autores e suas ideias: um estudo sobre a elite intelectual e o discurso político do Estado Novo”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 32. 2003, p. 145-164.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MACHADO, Antonio Luís, Neto.. *Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930*. São Paulo: Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NERY, Laura Moutinho. *Cenas da Vida Carioca: Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da PUC-RJ. Rio de Janeiro: 17 de outubro de 2000.

SALIBA, Elias. Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística do dilema brasileiro: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Rogério Souza. “Entre caricaturas e trocadilhos: Raul Pederneiras e seu passeio pelas linguagens”. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011, p. 1-14.

_____. *Modernidade em desalinho: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Di Cavalcanti Ilustrador: trajetória de um jovem artista gráfico na imprensa (1914-1922)*. São Paulo: Sumaré, 2002, p. 15.

SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 11-25.